

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO  
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 100

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 15200 réis, Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 18300, Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 28500. Semestre, 13500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os ses. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º ANNO

## A QUESTÃO CLERICAL

Os acontecimentos que se passavam, ao mesmo tempo, na Escóssia, não são menos importantes que os que se passavam na Inglaterra.

Vimos quanta perversidade se abrigava sob a theologia do famoso Henrique VIII.

Vimos succeder a Eduardo, de reinado ephemero, uma catholica, Maria a *Sanguinaria*, uma fanatica, mulher do celebre Filipe II de Hespanha e primeiro de Portugal, o demonio do meio dia, poderoso protector da jesuita, e como essa terrivel mulher, beata dos infernos, commetteu, em relação, attendendo ao seu curto reinado, mais perversidades ainda, mais infamias que seu proprio pae.

Vimos Isabel perseguindo ferozmente os puritanos, todos os que os proclamavam ou a liberdade de consciencia ou mais amplas reformas religiosas e vimos como a liberdade ingleza se salvou pelas concessões politicas a que Maria foi forçada para obter o apoio do parlamento ás suas infamias religiosas, por um lado, e, principalmente, pela resistencia que Isabel encontrou nos adversarios da Igreja official.

Venemos hoje, rapidamente, as scenas horrendas que ao mesmo tempo se passavam na Escóssia, sob o dominio d'outra mulher, tambem profundamente religiosa, tambem producto da educação clerical.

Maria Stuart era filha de Jacques V, rei da Escóssia, e de Maria de Lorraine. Na propria filiação vae a marca do seu fanatismo. Maria de Lorraine era filha do duque de Guise!

Os francezes, por intermedio dos Guises, dão á Escóssia uma rainha catholica.

Os hespanhoes, por intermedio da casa de Aragão, dão á Inglaterra outra rainha catholica. Ambas sanguinarias, ambas cruéis e uma de costumes verdadeiramente dissolutos.

Olhemos para a historia. Em toda ella, do principio ao fim, acharemos sempre eguaes os frutos do clericalismo.

Maria Stuart nasceu sete dias antes de seu pae morrer. Uma mulher deu a corôa aos Stuarts, exclamou Jacques V no leito da morte, uma mulher a perderá. A prophécia foi exacta. Se os Stuarts não perderam a corôa de reis, perderam a corôa de reis da Escóssia, da Escóssia livre e independente.

Henrique VIII tentou desde logo apoderar-se da rapariguita. Maria de Lorraine, para fugir a essas perseguições, collocou a filha no ilhote de Zuchmahorne,

primeiramente, e depois em França, para onde a enviou aos seis annos de idade como noiva do Delphin, mais tarde Francisco II, filho primogenito de Henrique II. Collocada n'um convento, onde recebeu uma *educação brilhante*, segundo os historiadores da epocha, veio a casar dez annos depois, sendo o seu primeiro cuidado pôr o marido sob a influencia absorvente dos Guises, seus tios e mentores.

Os Guises, partidarios fervorosos de Roma, inimigos acerrimos dos protestantes, crueis algozes da liberdade de pensar!

Tomou desde logo o titulo de rainha da Inglaterra, da Escóssia e da Irlanda. Neta de Margarida de Inglaterra, irmã de Henrique VIII, era ella, depois de Isabel, a herdeira do throno inglez. Mas como Henrique VIII tinha a mania de considerar nullos todos os casamentos anteriores quando queria casar novamente, e a de declarar illegitimos e fóra da successão todos os fillos d'esses matrimonios, sendo Isabel filha illegitima do tyranno e de Anna de Bolena, a corôa pertencia de direito a Maria Stuart. Assim affirmavam os catholicos. Assim fizeram da rapariga o objecto das suas esperanças contra os protestantes inglezes e o centro das suas intrigas. Assim deram mais uma vez causa a desgraças sem conto, a morticínios e patifarias sem nome. Assim sacrificaram a propria Maria Stuart, que, sem elles, não feria subido, como subiu, ao cadafalso.

Francisco II durou pouco. E Maria Stuart, que tinha excitado os odios, com a influencia que deu aos Guises, d'outra fervorossima catholica, a grande infame—vão os leitores reparando n'estes exemplares da santa religião—a grande infame Catharina de Medicis, a italiana,—uma de cada paiz e de cada raça e valendo todos o mesmo—Maria Stuart teve de abandonar a França, logo que o marido morreu, para ir occupar o throno da Escóssia.

Despediu-se cheia de lagrimas, olhos postos na terra onde o coração lhe ficava. Adeus, França! Adeus, França! Na ponte do navio foi acenando, enquanto viu terra franceza, e soltando aquelle adeus doloroso, triste, com a alma cheia de negrúmes, como se caminhasse para a desgraça e para a morte.

E caminhava de facto.

Os historiadores catholicos, e outros mais ou menos sentimentaes, procuravam alliviar esta mulher dos grandes crimes que commetteram, apontando-a mais como victima do que como auctora responsavel e consciente. E a sentimentalidade em acção. Não ha homem nenhum em alta posição, mulher nenhuma, principalmente,

se é rica, bonita, intelligente ou poderosa, que não tenha sempre attentantes, justificações, desculpas para todos os crimes que commetter. Se é pobre, feia, humilde, não se lhe encontram senão aggravantes, pelo mesmo motivo porque na outra só se encontram attentantes.

E' a força hereditaria, instinctiva, inconsciente, do espirito de classe, de casta, com o servilismo e abjecção que incutiu no homem. Muito poucos individuos conseguem subtrahir-se a esse impulso.

Maria Stuart não seria, e não foi, tão cruel como sua prima. Nem por isso deixou de commetter crimes dignos da maior reprovação e censura e de demonstrar um grande fundo de perversidade.

O mais celebre dos seus crimes foi o assassinato de seu proprio marido. Depois de ser amante de Damville, de Chastellard e d'outros francezes—os seus amantes não tiveram conto sendo ainda em maior numero que os de Isabel, famosas prostitutas!—foi amante de Riccio, aventureiro italiano de baixa condição. Este malandro, que era ao mesmo tempo *invertido*, levou a sua real amante femea a casar com o seu amante macho, lord Darnley, com quem dormia na mesma cama. Queria os dois amantes coroados!

Escusado será dizer que era tão catholico como o proprio papa. Tambem já houve papas *invertidos*!

Darnley, assim que se apañou no poleiro, tratou de expulsar o Riccio da capoeira. Não lhe agradava a *dualidade* d'este figurão, passivo com elle e activo com a rainha. Mas a rainha tinha paixão pelo Riccio e Darnley, vendo que não conseguia a bem ver-se livre d'elle, resolveu empregar os meios extremos. Combinou-se com outros e assassinaram, uma noite, o italiano nos proprios aposentos da rainha. Debalde Riccio se agarrava ás saias da rainha, com quem estava metido, no quarto d'esta (1). Os conspiradores, sem attenderem os protestos da prostituta real, arrastaram o italiano para uma antecâmara e coseram n'ó com cincoenta e seis facadas.

Maria Stuart ficou furiosa e jurou vingança, dizendo ao marido que não teria satisfação se não no dia em que lhe causasse uma dor igual áquella que elle lhe tinha causado a ella. Mas, passados os primeiros impetos, usou da maior dissimulação. Fingiu que se reconciliava com o marido. Entrementes tornava-se

(1) Já o francez Chastellard, que a rainha deixou condemnar a morte e executar, tinha sido encontrado de baixo da cama d'ella.

amante de Bothwell e com este preparou a sua vingança.

Andava grávida de seis mezes quando Riccio foi assassinado. Teve o filho, cujo pae ninguem, nem ella mesmo, poderia dizer quem fosse. O maior numero de probabilidades, porém, são para o Riccio. A carga, está claro, foi, como é d'uso em casos taes, para o marido.

Darnley, que viu as conspirações de sua mulher contra a vida d'elle, preparava-se para fugir da Escóssia quando foi atacado de hexigas. Maria Stuart isolou-o n'uma casa de campo e fingiu o maior carinho pelo doente. Uma noite a casa voou, por meio d'uma explosão, e o pobre homem pagou pelo devido preço o assassinato do italiano.

A rainha, que estava n'um baile de mascaras quando se deu a explosão, fóra, horas antes, visitar o marido, com quem falara *ternamente, lembrando-lhe*, contudo, a *morte de Riccio*. Eram onze horas da noite. A's duas da manhã reconhecia o triste cabrão quanto valem e quanto pesam as femininas ternuras reaes.

A perfidia, que Maria Stuart ostentou n'este crime monstruoso, demonstria bem o seu valor moral. Varios historiadores tem tentado alliviar-la d'esse peso. Mas a verdade historica, como toda a verdade, é só uma, é essa que nós acabamos de expôr, e que resalta nitida dos melhores trabalhos no assumpto: *Collection relating to the history of Mary queen of Scotland*, de J. Anderson, *Examination of the letters said to be written by Mary to James and earl of Bothwell*, de W. Gordall, *Inquiry into the evidence against Mary queen of Scots*, de Tytler, *Maria Stuart et le comte de Bothwell*, de Wiesener, e outros, que os estudiosos, que quizerem profundar esse periodo interessantissimo da historia, podem consultar com vantagem.

O conde de Bothwell, cumplice da rainha no assassinato de Darnley, divorciava-se a seguir de sua mulher; Maria Stuart elevava-o immediatamente a duque de Orkney, e casava com elle, ainda não eram passados tres mezes depois da morte violenta do marido. Só este facto basta para destruir a lenda d'innocencia que varios escriptores facciosos quizeram formar em volta da galante prostituta real.

A indignação, causada na Escóssia pela torpeza da rainha, foi enorme. O paiz levantou-se. A tropa abandonou a. Maria entrou em Edimbourg prisioneira, sendo recebida no meio de apupos e insultos geracs. Foi obrigada a abdicar em seu filho, que só tinha um anno d'idade. Conseguiu evadir-se da prisão e reunir um pequeno exercito. Mas batida por Mur-

ray, regente em nome de seu filho, perseguida de peste, refugiou-se na Inglaterra.

Isabel, que já tinha mandado uma esquadra aprisionar-la quando Maria sahiu de França, esquadra que não conseguiu o seu fim devido a um nevoeiro, teve então occasião de a apanhar. Deitou-lhe as garras e apressou se a encerrar-la n'um castello.

Maria Stuart era, como já dissemos, a esperança dos catholicos, não só na Escóssia, como, principalmente, na Inglaterra. Como esperança d'esses eternos desordeiros foi um elemento constante de perturbação na Escóssia, onde só ao principio fingiu hostilizar os catholicos. Por fim tinhase lançado abertamente nos braços d'elles. Mas o partido protestante ainda era mais forte e muito mais radical na Escóssia do que na Inglaterra.

Na Inglaterra, Maria, como tambem já dissemos, ameaçava a corôa de Isabel. Era ella que os catholicos, fundados na declaração de illegitimidade arrancada por Henrique VIII ao parlamento contra Isabel, consideravam a legitima herdeira da corôa. Portanto, a sua perda, por qualquer lado que se encarasse a situação, era fatal.

Assim foi.

Isabel conservou a 19 annos prisioneira, fazendo-a subir ao cadafalso depois d'esse longo periodo de captiveiro. Parece á primeira vista uma crueldade inutil. Mas deve-se attender a que as tramas dos catholicos se aggravaram com o tempo. Roma, Hespanha, a França e, por fim, os jesuitas trabalharam activamente em fazer triumphar a causa de Maria, que nunca cedeu dos seus direitos á corôa ingleza, luctando sempre pela sua liberdade, pela queda da rainha de Inglaterra e pelo triumpho da Igreja catholica. Atraz dos condes de Northumberland e de Westmoreland, vieram Daires e Norfolk conspirar contra Isabel e contra o protestantismo inglez. O duque de Norfolk subiu ao cadafalso provando-se que recebia subsidios de Roma e de Madrid e que Maria lhe tinha prometido a sua mão. Como todas as conspirações avortavam, os catholicos recorreram, como sempre, aos assassinatos e o fanatico Babington foi encitado para matar Isabel. A Inglaterra protestante, já indignada com a Saint Barthelemy, ergueu se n'um impeto de vingança pedindo a morte de Maria, como unico meio de pôr termo ás manobras de Roma. A ex-rainha da Escóssia foi accusada de cumplice das conspirações descobertas e, em especial, da tentativa de regicidio de Babington. Maria negou ter auctorizado o assassinato de Isabel. Mas está hoje provado que men-

tiã. Foi condemnada á morte. Isabel hesitou muito em assignar a sentença, mas resolveu-se por fim. E Maria foi degollada a 8 de fevereiro de 1587, dizendo-se que o algoz satisfiz os seus instinctos bestinaes no corpo sem cabeça!

Que horror!  
Reparem os leitores em todas as figuras historicas que lhes temos apresentado, e n'outras da epocha, e vejam que os productos da influencia clerical foram, são e serão sempre os mesmos.

Henrique VIII de Inglaterra, o meticuloso theologo, era um monstro. Philippe II de Hespanha, o marido de Maria Tudor, a *Sanguinaria*, outro monstro. Carlos IX de França, o autor da Saint Barthelémy, outro monstro. Em mulheres, Maria Tudor foi o que vimos já. Isabel, sua irmã, filla do theologo Henrique VIII, jurando o catholicismo á hora da morte de Maria Tudor, uma alma fêra e uma dissoluta. Catherina de Médicis, a celebre viúva de Henrique II de França, envenenadora, cruel, prostituta, infame. Maria Stuart, perfida, leviana, dissoluta tambem, como acabamos de vêr.

Uma monstruosidade moral verdadeiramente horrenda. E filha da religião. Da santa religião, sem a qual não ha santidade como apregôa a hypocrisia clerical!

Vejam tambem os leitores os assassinatos, as execuções capitães, as revoltas, guerras, infamias de toda a ordem a que as contendas religiosas dêram logar, ou contra os catholicos em nome do protestantismo, ou contra o protestantismo reformador em nome do protestantismo conservador, ou contra o protestantismo e todas as outras seitas religiosas, contra os livres pensadores, contra tudo que não fosse a infallibilidade catholica em nome do catholicismo.

Vejam bem os leitores, vejam bem e concluam, como nós, que todas as religiões valem o mesmo, que todas são um elemento de retrocesso e de desordem.

Mão desconhecida nos envia um numero da *Egreja Luctana*, periodico evangelico, chamando a nossa attenção para uma oração que lá vem em favor do actual monarcha portuguez.

E' a nossa these. Todas as religiões são elementos de despotismo. Ao patrão do céo ha de corresponder um patrão na terra. Não podem viver sem esse patrão. Logo, não podem subsistir sem despotismo.

No mesmo periodico, combatendo-se o jesuitismo, perguntase se o remedio estará nas doutrinas seccas e aridas do materialismo, na negação de Deus e das suas obras, em comparar o homem aos brutos, em negar a immortalidade da alma e a vida além da campa.

Doutrinas seccas e aridas! Como estes imbecis veem repetindo sem consciencia, atravez dos tempos, este palavão!

Pois a fé religiosa, a fé no absurdo, tem alguma comparação com a nossa fé na bondade e na justiça?

Fé! O homem precisa de ter fé, repetem os religiosos! E não a temos nós? Pois esta ardencia na propaganda e na defeza da liberdade não representa a fé arraigada na perfeição do homem? Aridez! Pois ha alguma aridez

n'este espirito de progresso que nos anima, n'este esforço pela regeneração da humanidade, n'esta ancia de democracia, que é a ancia da bondade e da justiça, que nos alimenta?

Aridas e seccas as vossas doutrinas, essas sim. Aridas, seccas, esperando tudo d'um Deus providencial, que não podeis vêr, que não podeis sentir, que não podeis conhecer, e não esperando nada do homem progressivo, do homem sábio, do homem bom, do homem justo. Aridas e seccas trabalhando com a mira na recompensa e não com a larga generosidade, com a grandeza immanente da abnegação.

Em comparar o homem aos brutos! E porque não o havemos de comparar? Que differença faz o homem dos outros animaes? Os principios da vida não são exactamente os mesmos em todos? E' o homem mais intelligente? E' mais moral? Alto lá. A intelligencia, que vae d'um fanatico sacrista a Victor Hugo ou Galilen, é muito maior que a que vae d'esse fanatico sacrista até um cão. Alto lá! A moral d'esses bandidos de egreja, que roubam as fillas ás mães, que impoem, como obra de Deus, um filho abandonar o seu pae, enfermo, á fome, á miseria, á morte, d'esses bandidos que, em nome de Deus, teem encluido o universo de forcas, de fogueiras, de prisões, de torturas, que, em nome de Deus, teem coberto a terra de cadaveres e intindado o mundo de sangue, a moral d'esses bandidos é bem inferior á do boi tabalhador e pacifico, á do burro benemerito e manso.

O boi, o burro, o cavallo, que se deixaram civilisar, tornando-se uteis, pacificos e mansos. Bem superiores a todos os bandidos de corda rosario e estola!

Quaes são as obras de Deus, miseraveis? E' o longo martyrologio dos sábios e dos bons? E' a sciencia cruelmente perseguida por todas as religiões? E' a liberdade eternamente acossada por ella? E' Galileo na inquisição e Giordano Bruno na fogueira?

A immortalidade da alma, a vida além da campa! E' essa a vossa condemnação, torpes. E' esse o nosso titulo de merito, imbecis ou infames. Nós damos a nossa intelligencia, o nosso trabalho, o nosso esforço, a nossa caridade por unica inspiração da justiça, por unico mando do dever. Nós não esperamos recompensa. Vós, se daes alguma coisa, é com a mira nos festins, nas luxurias, nos pagodes, na pandega rasgada da Bemaventurança.

E' esse o vosso ideal, um ideal sujo e reles.

Sim, é esse!  
O vosso é todo d'interesse. O nosso é todo de abnegação. O vosso excita-vos os sentidos. O vosso amacia-nos, consola-nos o sentimento. O vosso é que é arido e secco. O nosso sempre verdejante, sempre productivo, sempre fresco!

Sim, arido e secco é o vosso. Nasee dos sentidos. E' o goso das mulheres formosas do paraiso, dos homens ardentes, dos fructos deliciosos, dos manjares sem rival, dos oiros e pedrarias, que esperaes encontrar lá em cima que vos guia a esperança, que vos sustenta a fé, marioldes de ambos os sexos.

Não. O homem não pôde nem deve ter religião. O homem, na escala já superior da perfeição. Religião nenhuma.

O remedio contra o jesuitismo, contra o clericalismo, não está em banalidades, não está na rhetorica ignobil das *Juntas Liberaes*. Está simplesmente em não marcar a familia com o sello da religião. Está no repudio inteiro e completo de todos os actos religiosos.

Ha de ser a obra do tempo e da sciencia? Sem duvida. Mas para aquelles que, como o sr. Dias Ferreira, como o sr. Sabino de Souza, já teem sciencia sufficiente para guiar o espirito, toda a indignação é pouca quando os vemos a prégar a emancipação da consciencia, indo á Egreja com a familia pela mão receber o sello de Roma, a marca do papa, o ferrete da escravidão.

Para traz, homens falsos e hypocritas. Não leveis vossos filhos ao baptismo, vossas mulheres á missa, vossas filhas á communhão e tereis prestado o unico serviço á causa da civilização e do progresso. Emquanto o não fizerdes, podereis presidir a quantas *juntas liberaes* quizerdes, fazer quantos discursos vos approvem, que não fareis com isso senão provocar o riso e a troça dos clericos e a justa indignação dos verdadeiros democratas.

O remedio contra a Egreja está no repudio da mesma Egreja.

O grande mal das religiões só se cura com a abstenção de todos os actos religiosos.

Tudo o mais são panacéas e mentiras.

E continuaremos.

Continuaremos sempre.

Continuamos a luctar com falta de espaço, motivo porque nos obriga a retirar hoje outra vez o nosso folhetim e outras 'originaes' que temos em nosso poder.

UM PAE EXEMPLAR...

Um jornal do Porto refere o seguinte:

Domingos Fernandes da Silva, proprietario e negociante em Milhetroz concelho da Maia, tinham em casa duas fillas, uma das quaes, de 17 annos d'idade, de nome Laura, é o que se chama uma bella mocetona.

Tendo vindo, ha 15 dias do Brasil, um rapaz d'aquella freguezia, pegou namoro com a rapariga, começando de se tornar junto d'ella o mais assiduo que podia.

O pae, no entanto, não sympathisando com o namoro, tratou de dissuadir a filha de prestar attenção ao rapaz.

Como a rapariga, porém continuasse inclinada para aquelle, o pae na quinta-feira passada pretextando vir ao Porto para trazer um presente a um amigo, ordenou á filha que se vestisse para o acompanhar.

Aquella assim fez, nada suspeitando sobre as intenções do pae que, dirigindo se com ella ao coio do Bom Pastor, ali a deixou e sob tão rigorosa vigilancia que, uma irmã da infeliz, vindo, no sabbado, para a vêr, não lhe foi permittido pôr-lhe a vista em cima.

Toda a gente de Milheiroz está indignadissima contra o pae que assim foi entregar a filha n'aquelle odio coio.

A pobre mãe, ao que nos informam, chora de noite e de dia a sorte infeliz rapariga.

Jayme Duarte Silva

ADVOCADO

R. DO SOL—AVEIRO

Cartas d'Algures

4 DE JULHO.

Abro um parenthesis na minha ultima carta.

Não sei se Josepha Greno é doida. O que sei é que essas hypotheses de loucura só apparecem quando o criminoso é protegido, de reputada intelligencia, ou de cathogoria elevada.

Isto é uma pouca vergonha, que se repetê, contra a qual não vejo protestos e contra a qual todos os protestos seriam poucos, por mais que houvesse.

E' doida? Será. Mas porque não se terá admittido a hypothese de serem doidas e doidos tantas outras criminosas e tantos outros criminosos que teem apparecido no paiz?

Era doido o Marinho da Cruz? E' doida Josepha Greno?

E os outros? Nem ao menos a hypothese, para serem tambem observados e examinados?

Isto é revoltante. Isto não é sentimento. E' a doença do sentimento, se não é pouca vergonha.

Admitto sem custo que todos os criminosos tenham um fundo de loucura. Mas onde começa e onde acaba a responsabilidade?

Ninguem o sabe. Se o livre arbitrio não existe, como eu creio, ninguem, em absoluto, é responsável.

Mas pôde-se levar esta irresponsabilidade ás ultimas generalisações? Factos de todos os dias demonstram que se o individuo não altera o fundo do seu temperamento, pratica ou deixa de praticar certos actos conforme o resultado que d'essa pratica ou não pratica lhe advem. Então corrige-se, pelo menos nos actos secundarios. Então a vontade existe. Então a responsabilidade, em certa medida, ha de existir tambem.

Josepha Greno pôe os olhos em alvo, não ouve ás vezes o que lhe dizem, responde com difficuldade, tem perturbações mentaes? Com os demonios, conheço uma duzia de mulheres nas mesmas condições e ainda nenhuma lhe deu na mania pegar n'um revolver e desatar aos tiros á gente. Sim, eu conheço-as. Não sei se são hystericas, se são neurasthenicas, se são o diabo. O nome da nevrose pouco me importa. Conheço-as e, repito, ainda nenhuma d'ellas pegou n'um revolver para tirar a vida aos seus parentes, conhecidos ou amigos. Conheço-as e exemplares dos mais curiosos. Conheço-as monologando sósinhas, conheço-as falando com a gente sem nos ouvirem, conheço-as perdendo a fala e a vista por instantes, conheço-as tendo fala de mais e dando-lhes para berrar que é das pedras das calçadas se ergnerem e fugirem, para lançar sobre nós uma torrente de improperios que é de lhes voltar as costas e fechar os ouvidos, conheço-as sonhando noites e noites a mesma coisa, sentindo uma tristeza, uma melancholia persistente e inexplicavel, etc.

En conheço umas poucas. Cada um dos leitores conhece uma pelo menos. O que já somma centos d'ellas, com tendencia para subir n'um paiz de raça depauperada como é o nosso.

E se dá o diabo na cabeça a todas essas matronas e donzellas desatar aos tiros nos maridos, nos irmãos, filhos, parentes, conhecidos e amigos?

En conheci bastante o infeliz pintor Adolpho Greno e sua mulher. Conheci-os mais que quasi todos ou todos esses que teem escripto sobre elles nos jornaes. E tenho lido tanta mentira e asneira que cada vez estou mais desconfiado com a supposta irresponsabilidade da pintora.

E' certo que nunca pensei que D. Josepha Greno fosse capaz de matar o marido ou alguem. Mas tambem nunca a conheci senão com muito juizo, ao contrario d'esses que pretendem vê-la lou-

ca desde a sua primeira doença. Foi exactamente n'este periodo que eu a conheci. E era uma mulher com todas as manifestações de normalidade.

No fundo havia contra o marido um pequeno azedume, pequeno pelo menos deante de mim e d'outros, pela indolencia e falta de senso pratico de Adolpho Greno. Adolpho Greno era um excellento homem, simples, amavel, cheio de bondade, mas preguiçoso e perdulario. Ora a mulher não lhe perdoava isto. Pelo menos desde que eu a conheci. Uma vez me contava ella, deante d'elle, que dando-lhe duzentos mil réis, ou quantia approximada, para elle comprar uma mobilia de sala de jantar, o marido lhe apparecera em casa com um embrulho de pratos do Japão e outras antiguidades inúteis. E o azedume transparecia-lhe dos gestos, das palavras e dos olhos.

Otra vez uma pessoa das minhas relações arranjou uma velhita para modelo de Adolpho Greno. A desgraçada tivera um filho, sen unico amparo, que morrera de desastre n'uma obra ao Callhariz. Contava a velhita a sua vida ao pintor no atelier da rua de Valle do Pereiro. O pintor, com os olhos cheios de lagrimas, perguntou á mulher se não haveria em casa comida feita para dar á desgraçada. A mulher respondeu que não. Então o pintor, mettendo a mão no bolso, tirou tres vintens, todo o dinheiro que tinha, e deu-o á infeliz.

— Ah! Adolpho!... exclamou Josepha Greno n'uma voz e movimento brusco de censura.

Era visivel a alegria de Josepha Greno sempre que as discipulas lhe entregavam a mensalidade. Adolpho Greno, pelo contrario, se não era indifferente a isso, tambem lhe não dava attenção que se notasse.

Ora qual é a accusação que D. Josepha Greno faz agora ao marido? Uma só: que o marido lhe gastava o dinheiro todo que ella ganhava.

Uma só! E' essa.  
Tambem no primeiro dia falott em amantes. Mas vagamente e sem insistencia nenhuma. Não voltou mesmo, que eu veja nos jornaes, a insistir n'esse ponto.

Portanto, é a embirra velha, que foi tomando corpo até degenerar em odio e do odio no crime.

Era uma embirra de doida? Durante o tempo que eu conheci o casal, não era. E' certo que D. Josepha Greno teve, ha seis annos, uma doença de que se queixava. Mas doença como muitas outras que muita gente tem tido.

Ficou desde ahi com as faculdades mentaes perturbadas? Nunca me pareceu tal coisa, nem a outras pessoas que a conheciam e que eu conhecia tambem.

Nessa mesma embirra que tinha pelos actos perdularios do marido ella demonstrava bom senso. A pintora não admittia procedimentos de tal ordem. Uma vez elogiava o marido deante de mim um pintor muito conhecido em Portugal. «E' um vadio, é que elle é», objectou logo D. Josepha Greno. O marido não gostou muito da interrupção. Calou-se uns segundos e replicou: «Então é vadio porque não sabe poupar dinheiro?» «Sim, continuou Josepha Greno, porque o gasta sem necessidade.»

E afogueava-se, ao dizer isto. Mas não tinha Josepha Greno razão em censurar actos d'essa natureza e de que ella era uma das victimas? Tinha-a toda. Por isso não estava ella doida. Realmente, Josepha Greno ganhava o sufficiente para viver desafogadamente e vivia uma vida atrapalhada. Nunca tive noticias de extravagancias do marido. Mas a sua indolencia, circumstancias de familia e a sua falta de tacto administrativo faziam d'elle a causa d'aquella má situação. E a mulher tinha razão para se queixar. Era uma mulher de juizo e com juizo raciocinava, falava e procedia.

A FAVOR DA PAZ

O grande «meeting» de Bruxellas

Pelo telegrapho, sabe-se que houve um grande meeting em Bruxellas, no theatro da Alhambra, em favor da paz.

Coisa curiosa: um dos principaes accionistas d'aquelle theatro, é o famoso ministro das colonias inglezas, Chamberlain.

Sete a oito mil pessoas assistiram ao meeting.

No estrado viam-se o sobrinho do general Dewet, Adriano Dewet; Reinhardt, presidente do comité do Transwaal em Bruxellas; e o dr. Valentin, de nacionalidade alemã.

Todos os assistentes levavam na botocira fitinhas com as côres do Transwaal.

Numerosos oradores tomaram a palavra, a fim de demonstrar a iniquidade e os horrores da guerra sul africana.

O dr. Valentin, que fez a campanha do Transwaal como medico militar, narrou que n'um campo de reconcentração onde se encontravam prisioneiros 2.000 boers, 15 crianças de menos de dois annos morriam todas as semanas em consequencia das condições pessimas em que viviam esses prisioneiros.

Segundo elle, desde novembro ultimo apenas tem morrido 500 boers, enquanto que o numero de inglezes mortos ascende a 10.000.

Em seguida tomou a palavra Adriano Dewet, mas durante mais de dez minutos não pôde começar o seu discurso, em consequencia dos gritos da multidão contra os inglezes.

Quando o barulho terminou, Dewet, fez uma narração commovente das atrocidades da guerra, e mostrou aos assistentes photographias de raparigas de doze a treze annos mortas pelos inglezes; ajuntou que uma petição assignada por 200 mulheres boers foi dirigida a Kitchener, pedindo que salvaguardasse suas filhas, mas que essa petição ficou letra morta.

Terminou pedindo a intervenção da Belgica, que, pela sua situação pôde intervir; e declarando energicamente que os inglezes não verão o fim da lucta enquanto tôr vivo um boer.

O meeting terminou ao hymno do Transwaal, cantado por todos os assistentes.

Um cortejo se formou immediatamente, que se dirigiu para a bolsa aos gritos de—Abaixo os inglezes!

Em Bruxellas nunca se viu um espectáculo similhante.

O enthusiasmo da multidão era verdadeiramente extraordinario.

Partiu para S. Pedro do Sul, a fazer uso de banhos, o nosso amigo João Vieira da Cunha, gerente da casa Mello Guimarães.

Também partiu para as Caldas de Molêdo, o sr. José Maria Pereira do Couto Brandão.

Sobre a estylisação das plantas

Assim como actualmente se trabalha, especialmente, na plastica e pintura para sahir da chamada escola academica, até agora mais em voga, e se procuram novos trilhos baseados na concepção immediata da natureza, assim tambem se produziu nas artes profissionais e menores uma transformação identica áquella, o que quer dizer, que se torna cada vez mais sensível a necessidade de dispensar maior attenção, e mais profunda ás fórmulas da natureza, especialmente aos vegetaes, para as valorisar, em parte directamente, em parte para as applicar a uma representação typico-estylística tendente ao enriquecimento das fórmulas nos novos e diversos ramos profissionais.

Se bem que estes processos não são de todo novos, pois as fórmulas vegetaes da natureza foram utilizadas desde tempos remotos em execução plana e plastica, tanto na ornamentação architectonica como nas artes decorativas, até ao modelo textil com fidelidade mais ou menos approximada,

contudo, os novos esforços de criação a singularidade de por si fazerem resaltar muito mais frisantemente a tendencia para figurar estas fórmulas mais livre e individualmente e o organismo da planta mais proporcionalmente, do que até agora succedia.

Nas artes da plastica e pintura procedeu-se, na verdade, com mais consciencia do que nas artes decorativas, e conseguiram-se tambem já aqui resultados muito notaveis, se bem que até agora não sufficientemente satisfactorios para o sentimento esthetico, enquanto na prática d'este ultimo o novo caminho só é seguido excepcionalmente por francezes e allemães, e em Inglaterra segue a base do systema japonês. É difficil desviar das pégadas schematicas do uso de varias estampas já sabidas; e divorciar-se d'ellas poderia parecer a muito profissional a quem faltam os estudos apropriados, a natureza inexequível, ou talvez aventureira.

Com a exploração continuada das estampas transmittidas, tinham entrado, afinal, os profissionais n'um bécio sem calida, n'uma situação tão critica e embaraçosa, que já se não sabia por onde ir, muito especialmente quando repetidas vezes os estylos mais accessivos até ao Imperio tinham adquirido um ascendente dominante. Apesar d'isso, não podiam elevar-se a uma produção propria, comquanto ainda existisse a possibilidade de achar uma solução salvadora que conduzisse a um estylo mais antigo, do seculo XVII; e este era fazendo-o reviver, de novo, especialmente nos logares onde ainda existiam, de epoca mais antiga, construcções e monumentos como em varias na Allemanha: referimo-nos ao estylo baroco.

O que deverá, porém, seguir-se a isto quando se esteja outra vez enfadado d'este estylo? Ha annos já, falla-se e escreve-se, sobre este assumpto, que a natureza deveria ser mais utilizada do que até agora, como fonte de nova criação artistica, e afinal parece que já era tempo de adaptar á nossa bella e rica flora este thesouro, tão vivo como inexgotavel, que só necessita ser recolhido para dar ás nossas profissões artisticas novos e inesperados elementos de belleza. O que, porém, já tenha apparecido n'este sentido, e por mais valiosa que seja a força creadora que tenha revelado n'elle, apesar de todos os resultados de estudo na natureza obtidos até hoje, especialmente nas novas fórmulas, applicaveis com proveito para a composição e para a decoração, nada d'isso tem, contudo, direito a um valor artistico superior.

Ataca-se o problema segundo a inclinação pessoal; encara-se segundo a opinião e aptidão de cada um de diferentes maneiras; representa-se a planta com mais ou menos naturalidade; confia-se em limites geometricos; ordena-se a sua estrutura, dispõe-se até em perspectiva e repete-se a eterna planta do acantho, como se não tivessemos plantas com folhas tão bonitas ou até em parte mais bonitas, como por exemplo a nossa esplendida papoula e outras papaverceas, bem recortadas herbaceas, crepis de fórmulas originaes, etc.

Em todas as diferentes modas de concepção e representação falla, porém, completamente o fim essencial; a descoberta typica estylística das fórmulas naturaes vegetaes resente-se sempre d'esta falta, no verdadeiro problema, de utilizar a natureza para fins decorativos, para alcançar por ella a novidade e a originalidade.

Devemos, portanto, em primeiro lugar, frisar a circumstancia que a natureza até agora permittiu de boa vontade excepções que tem sido estudadas com dedicação e paixão insufficiente e não profundamente. Além d'isso, poucos tem conhecimentos especiaes fóra do desenho e pintura pela natureza; e pouquissimo, por um estudo prolongado, chegam a uma concepção profunda dos segredos da natureza das plantas, e portanto á facultade inventiva de novas fórmulas.

Está porém aqui o ponto de contraversia em torno do qual deveriam agitar sérios estudos e produções profundas.

Constitue quasi um problema da vida inteira aprender a descobrir, vendo as fórmulas da natureza que encerram a quinta essencia do que se procura.

Demais, observa-se insufficientemente a marcha do desenvolvimento e crescimento das plantas desde o primeiro embrião e demais fórmulas primarias até á folha, flor, e fructa; n'uma planta, o organismo inteiro da planta.

São estes os principaes motivos porque até agora só vieram a lume, no novo sentido, tão poucos resultados, embora alguns, realmente de valor. Para chegar, porém, com proposições menos importantes ao caminho acima indicado ou n'outro menos natural, ou até phantastico a alguma coisa nova original e ao mesmo tempo bella, os esforços foram quasi por completo mallogrados.

A chamada estylisação, tal qual tem sido praticada e ainda é nas escolas, não pôde conduzir a resultados de valor apreciavel, além de outros motivos por que o tempo de estudo anterior no desenho pela natureza é demasiado curto para bastar a uma criação mais profunda. Nas escolas superiores manifesta-se pouco escrupuloso no estado d'este ramo do estudo da natureza. Produz-se ali muito, sem a garantia conveniente dada pelas fórmulas naturaes; e seria mais para recommendar a isso estimular só aquellas alumnas que deixam reconhecer depois dos seus estudos um dom excepcional ainda que só seja como exercicio particular sob a direcção do professor. A natureza é rica na verdade em fórmulas caracteristicas; porém só apparecem tão raramente á luz do dia que se não pôde fazer da sua descoberta e representação uma occupação regular.

Ainda menos cuidado ha, sob este ponto de vista, nas escolas secundarias e populares.

Possam estas palavras contribuir para estimular tambem outros a approximar-se do caminho indicado para o fim commum: alcançar a novidade e a originalidade nas nossas artes decorativas, no seculo XX.

Carlos Hugo Richter.

Fogo n'um convento

Durante uma forte trovoada que ha dias pairou sobre Segovia, Hespanha, uma faísca electrica poz em lavaredas o convento das freiras da rua de S. Lourenço. Immediatos soccorros poderam evitar a propagação do incendio que as multidões populares applaudiam, gritando:

— E' o fogo do céu que vos queima, viboras.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril Singer, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida

A falta de braços na agricultura

De anno para anno se vae tornando mais sensível a falta de braços na agricultura e na presente quadra é que de maior se faz sentir essa falta, para se poder, em devido tempo, acudir aos millhares, ás searas de pragna e ainda aos vinhedos.

Pondo de parte agentes poderosos que contribuam para a difficuldade nos trabalhos agricolas, como são a emigração e as artes liberaes, é a vida militar que retira dos labores dos campos muitos mancebos e estes poderiam bem ser dispensados do serviço militar durante a maior faina na lavoura.

Em França reconheceram os poderes publicos quanto é sensível a falta de braços na agricultura, principalmente no estio, e assim, desejando prestar-lhe auxilio, decretou-se em 1894 que os mancebos com praça assente e em serviço militar, que pertenciam a familias de lavradores, pos-

sam, nos tempos mais afanosos para o agricultor, ir ajudar suas familias, para o que lhes é concedida licença, ou mesmo vão prestar serviços a qualquer agricultores, mediante o salario estabelecido pelo Estado para isso e sob a fiscalisação da auctoridade local, para se ter conhecimento de que elles, na verdade, se empregam em trabalhos agricolas.

Em portaria do corrente anno, ainda o governo francez deu mais amplas facilidades para a concessão de licenças a mancebos que sejam trabalhadores ruraes.

Seria uma medida deveras util e benefica para o nosso paiz se tambem se procurasse minorar a falta de braços na agricultura, concedendo-se que todos os mancebos em serviço militar e que pertencem á classe agricola possam, durante os mezes de mais trabalho na agricultura, ir prestar auxilio, quer a suas familias, quer a estranhos, e, assim, sem duvida, não luctariam os lavradores com as difficuldades que ora os assoberbam.

O governo que pense bem n'isto, que muito tinha a lucrar a nação.

AS MACHINAS DE COSTURA PEAFER WHITE GRITZNER dos meliores fabricantes conhecidos, brevemente em AVEIRO (Theatros) Publicou-se um numero de honra a Nicolino Milano com o seu retrato e biographia. — Apparece brevemente a folha d'annuncios para os assignantes d'esta revista. — Em 14 do corrente é posto á venda um numero taumachico, com varias illustrações, executadas no estrangeiro. Deposito d'esta publicação, rua dos Clerigos n.º 8, Porto.

NOVIDADE LITTERARIA O DILUVIO Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolva-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as herculeas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS. A venda o 1º volume em formato grande e com uma bellissima capa a côres Preço, 300 réis Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

ANNUNCIOS A VISO João Luiz de Rezende, relojoeiro, previne a todas as pessoas d'esta cidade, ou de fóra, a quem por ventura deva qualquer importancia, de que no prazo de 30 dias lhe enviem a conta, legal, do seu debito, a fim de ser liquidada. Rua do Livramento, n.º 13, Alcantara—Lisboa.—7 de junho de 1901. João Luiz de Rezende.

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vant. josos os meliores bagaços para alimentação de todos os animaes.

Depois d'isso constou-me que adoeceira novamente. E agora surge a tragedia que se viu e cujos fundamentos encontrei logo em factos antigos.

A criminosa está doida? Estará. Mas não deixa de ser uma fera.

Se não se conformava com o feitiço do marido separasse-se d'elle, fugisse-lhe, abandonasse-o. Tirar a vida a um pobre homem, cheio de bondade, só porque elle não sabia poupar dinheiro, tiralhe a vida com a premeditação e nas circumstancias conhecidas, é d'uma feresa assombrosa.

E' uma fera, esteja doida ou não esteja.

A criminosa está entregue a um homem de sciencia e digno, a unica coisa coherente, direi por inciencia, que conheço na tal Junta Liberal de Lisboa, que me tem merecido tão pouca sympathia. Esse sim, que tem estado sempre na brecha pela liberdade, pelo progresso, pela civilisação. E' o sr. dr. Miguel Bombarda.

Que se lembre s. ex.ª da grande injustiça que atraz deixo citada, isto é, do abandono em que ficam todos os criminosos desconhecidos e humildes, ao passo que não faltam pietismos exaggerados e ridiculos para todos aquelles que, por qualquer circumstancia, tem cotação no meio social.

Eu não digo que D. Josepha Greno não esteja doida. Seria uma asneira eu dizê-lo. O que eu digo é que, doida, ou não doida, é uma fera. Ha doidos bons e doidos maus. O que eu receio é que, depois de uma certa permanencia em Rilhafolles, a fera fique em liberdade para praticar outros crimes na primeira occasião. E isto é um grande perigo e uma grande injustiça relativa.

Eu conheço muito bem a sociedade portugueza e julgo-a capaz de tudo.

Contra D. Josepha Greno não me move a minima animosidade. Antes tive por ella e pelo seu talento todo o respeito e sympathia. Mas tambem me não move o falso pietismo nem me deixo dominar por elle. Se não está doida, e confesso que não me inclino muito para ahi, embora não veja a criminosa ha dois annos, se não está doida, o seu fundo é tão mau, que todo o rigor da justiça é pouco para a castigar. Se está doida, lamento muito que aquelle espirito brilhante, porque o era, se apagasse, mas a sociedade tem direitos e um d'elles é vêr-se livre de contingencias de loucuras de tal ordem.

Que fique então tratada e vigiada para sempre.

O sr. dr. Miguel Bombarda é uma garantia que nós accetamos sem hesitar.

Para o pobre Adolpho Greno, tão cheio de bondade e de talento, alma de eleição como poucas, toda a minha mágnã e saudade. Não serei eu que me associe nunca a esta torpezza nacional, tão generalizada, de esquecer as victimas para carpir os criminosos.

A. B.

O OCCIDENTE

O n.º 810 do Occidente vem esplendido de gravuras, sobre a viagem de Suas Magestades aos Açores; publica 2 gravuras do embarque de Suas Magestades no Arsenal de Marinha; Vista geral de Angra do Heroismo; Paços do Concelho de Angra do Heroismo; Monumento a D. Pedro IV, na Ilha Terceira; Ilha de Santa Maria; Igreja Matriz e Edificio do Governo Civil, na Horta; Parque do sr. Marquez da Praia e de Monforte, nas Furnas, Ilha de S. Miguel.

Os artigos são: Chronica Occidental, por D. João da Camara; Cartas da viagem de Suas Magestades aos Açores, por M. C.; As nossas gravuras; Faro no seculo XI por David Lopes; Meteorologia Popular, por Antonio A. O. Machado; Fã sustentido, por Alphonse Karr; Publicações, etc.

# AO COMMERCIO E AO PUBLICO

**ALRINO PINTO DE MIRANDA**, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—desta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio café em diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneras do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendendo ao publico com muita vantagem, tem em saído uma grande quantidade de touça de Sacaven que vende em 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços razoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

**Armazem de vinhos da Balcada, que vende a 60 réis o litro, tintos, branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.**

Tem merceria bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

**AVEIRO**

**FERRAGENS**, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, pregos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento

sulfato de cobre e de ferro, chlorato, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telhada vidra, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de merceria e muitos outros.

A venda no estabelecimento de

**Domingos José dos Santos Leite**

**RUA DO CAES**

**AVEIRO**

**NOVA ALQUILARIA**

DE

**MANUEL PICADO & PEREIRA**

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluger, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vendo-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—AVEIRO

## MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia **SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix**.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

**AVEIRO**

**75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79**

## Carimbos de borracha



OS MAIS NITIDOS, PERFEITOS E DURAVEIS

Para industriaes, commerciantes, particulares e repartições publicas.

Fazem-se com promptidão e por preços modicos, na officina de guardasocs e candieiros, de

*M. J. Soares dos Reis*

**19—R. dos Mercadores—23**  
**AVEIRO**

## SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

## QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

**300 rs. cada volume 300**

A venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

## POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria **MONACO**, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

## ALMANACH HACHETTE

PARA 1901

Já se acha á venda na livraria **Mello Guimarães**, d'esta cidade.

## GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

### Os Mystérios da Inquisição

POR

**F. GOMES DA SILVA**

Obra illustrada a cores por **Manuel de Macedo e Roque Gameiro**.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam affictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escafpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

*Precioso brinde a todos os senhores assignantes:* Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos da assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—* ou aos seus agentes.

## ATELIER DE ALFAETERIA

DE

**Joaquim Ferreira Martins**  
(O GAFANHAO)

**R. da Costeira—AVEIRO**

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, e que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.

## ARMAZENS

DA

# BEIRA-MAR

DE

**MANUEL COELHO MOREIRA**

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

**AVEIRO**

D'aqui levarás tudo tão soejo  
(Luz. Can.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

## CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de joranes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Balcada.

Representante da casa **Beirão**, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

**N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.**

## PARÁ E MANAUS

**Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil**, passagens em 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, em todas as companhias de paquetes, a preços reduzidos. Vapores a sair de Leixões e Lisboa.

As passagens tomadas n'esta agencia gozam de todas as regularidades e abatimentos concedidos pelas companhias a srs. passageiros; tambem se sollicitam passaportes e trata-se de obter no Porto e nas provincias todos os documentos necessarios para os mesmos.

**ABEL, PAULO & PEREIRA**

**82, PRAÇA DA BATALHA, 83**

(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

**PORTO**

## PUBLICAÇÕES

**Bibliotheca**

### HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

**QUO VADIS?** (2.ª edição) de H. Sienkiewicz. — 3 volumes.

**VIDA DE LAZARILLO DE TORMES**, de Mendoza. — 1. vol.

**EULALIA PONTOIS**, de F. Soulié. — 1 vol.

**A AMOREIRA FATAL**, de E. Berthet. — 1 vol.

**SENHOR EU**, de Farina. — 1 vol.

**Cada volume, 100 rs.**

Pedidos á *Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.*

**COMPANHIA NACIONAL EDITORA**  
Successora da antiga casa David Corazz

### Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

### A CARTEIRA

### DO REPORTER

POR

**JULIO VERNE**

Com esplendidas illustrações de **L. BENETT**. Trad. de **PEDRO VIDOEIRA**

**50 rs. cada semana, no acto da entrega**

**“O NORTE,”**

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.